

A CAPITAL

Director: HENRIQUE MARTINS DE CARVALHO
Subdirector: JOSÉ JÚLIO GONÇALVES

PROPRIEDADE: S.G.C. - SOCIEDADE GRÁFICA DE «A CAPITAL» - R. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 66 - LISBOA-1 * TELEFS. 688125/6/7 * END. TELEG. ACAPITAL * TELEX 12386

**EDIÇÃO
ÀS 12
HORAS**

GOLPE MILITAR

“MOVIMENTO
DAS FORÇAS
ARMADAS”

DESENCADEIA

ACÇÃO

DE MADRUGADA

A CAPITAL

Apareceu na tarde de 21 de fevereiro de 1968, por iniciativa de um grupo de 10 jornalistas, que criou a empresa Sociedade Gráfica de *A Capital*, SARL. Começou por ser dirigida por Norberto Lopes e Mário Neves, que evocaram o legado do saudoso “diário republicano da noite”, e afirmaram a sua independência política e financeira. Extinguiu-se em 30 de julho de 2005. Em abril de 1974, estava sedeadada na rua Joaquim António de Aguiar. Parte do seu capital pertencia agora à banca. A nova direção, confiada dois meses antes a Henrique Martins de Carvalho, coadjuvado por José Júlio Gonçalves, fora mandatada para alinhar (politicamente) o discurso produzido por alguns redatores. A julgar pelos caracteres desmesurados que enchem por completo a primeira página da edição de 25, alguma tensão se acumulara. Num grito apregoam: “Golpe militar: Movimento das Forças Armadas desencadeia acção de madrugada.” Embora aquele padrão gráfico, definido pela escala inusitada, fosse típico deste jornal, naquele dia parecia ampliado pela força do que comunicava. Na página seguinte, um imenso “Apelo à calma e ao civismo” dá o tom à narrativa cronológica dos acontecimentos, que se desenvolve pelas outras. As fotos, grandes também, mostram uma cidade povoada de tropas,

tudo gente comum, em movimento ou conversa descontraída. Os comunicados emitidos pela rádio e algumas “breves” sobre o curso da Revolução pelo país completaram esta primeira abordagem. Faziam parte da redação mais de três dezenas de jornalistas, entre os quais: Rodolfo Iriarte, Cáceres Monteiro, Appio Sottomayor, Maria Teresa Horta, Pedro Vieira, Silva Marta, entre outros. No dia seguinte, o maior destaque foi concedido ao programa da Junta de Salvação Nacional, apresentado num encontro com a imprensa. Mas o que podia marcar a diferença eram as histórias vividas pelos repórteres na cidade, por isso ninguém lhes regateou o espaço para que partilhassem os seus testemunhos, que transpiram a mesma emoção que se vivia nas ruas. Distanciamento, isenção parecem impossíveis de cumprir. Os jornalistas d’*A Capital* viveram a Revolução e defenderam-na sem reservas, ao ponto de lançarem sentenças contra os populares que não tinham respeitado os apelos do MFA: “Come hoje pão seco quem o açambarcou ontem.” As fotos revelavam agora o rosto dos líderes emergentes, sobretudo o do general Spínola e outros membros da Junta de Salvação, e o povo nas ruas em festa. Mas a imagem do jornalista Mário Ventura Henriques, no pátio da prisão de Caxias, de mãos no rosto a tentar sustentar a comoção, reproduz como nenhuma outra a descompressão que modelou aqueles dias.

Rita Correia

PRIMEIRAS PÁGINAS DA REVOLUÇÃO
HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA
50 ANOS DO 25 DE ABRIL

